



INDIVÍDUO E LIBERDADE: UMA LEITURA DE *SERAFIM PONTE GRANDE**

*Rubens de Oliveira Martins***

Resumo: O artigo propõe, a partir da análise do romance *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, uma discussão sobre os limites da autonomia do indivíduo frente as estruturas sociais com que se defronta, revelando as oscilações que determinam um movimento contínuo entre a integração e a marginalidade. Utilizando o conceito de Lukács de "romance de formação", empreende-se uma leitura sociológica do mundo ficcional estruturado no romance, no qual a presença de situações-limite configura-se em um aprendizado para o indivíduo, que tem a sua frente as possibilidades de escolha e de mudança de seu destino. Discute-se, assim, a idéia da utopia como forma de enfrentamento do mundo, como desenho de um novo horizonte capaz de conciliar a autonomia e a liberdade.

Palavras-chave: intelectual, marginalidade, autonomia, sociologia e literatura, subjetividade, Oswald de Andrade, utopia.

O interesse de uma abordagem sociológica tem objetivos diversos daqueles possíveis em uma investigação no âmbito da crítica literária, ou seja, não está preocupada com as questões estéticas envolvidas na produção da obra de arte literária, mas com as dimensões capazes de auxiliar na compreensão da visão que seu autor nela deixa registrada.

* Este texto é parte da dissertação de mestrado defendida em 28 de maio de 1997 na FFLCH-USP, sob o título *Um ciclone na Paulicéia: Oswald de Andrade e os intelectuais em São Paulo (1900-1950)*.

** Mestre em Sociologia pela FFLCH-USP. No momento, atua como gestor governamental na Secretaria de Educação Superior do MEC, em Brasília.



**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***

Rubens de Oliveira Martins

Este é o caso de Oswald de Andrade, para quem o significado da relação vida-obra pode remeter a um nível de identificação entre realidade e ficção, não no sentido de reflexo ou de consequência, mas no sentido mesmo de uma revelação dos limites encontrados na estrutura social, que acaba por entrar na composição ficcional.

Assim, buscaremos empreender uma análise nos mesmos termos utilizados por Bourdieu ao escrever sobre *A educação sentimental* de Flaubert, concordando com a possibilidade de encontrar no interior da obra literária os elementos que subsidiem uma análise sociológica, isto é, percebendo que para além do plano ficcional das personagens pode-se descobrir a presença das estruturas sociais com as quais nosso autor se defrontava e, mais que isso, vislumbrar a forma como essa mesma estrutura era percebida pelo autor. Nos termos de Bourdieu, tocamos aqui no problema do que é um discurso literário: “O que é, com efeito, este discurso que fala do mundo (social ou psicológico) como se não falasse dele; que não pode falar desse mundo senão com a condição de que fale dele apenas como se não falasse, ou seja, em uma forma que opera, para o autor e o leitor, uma denegação do que exprime” (BOURDIEU, 1996: 17).

No caso oswaldiano, a recorrente característica autobiográfica que todos os críticos apontam em seus livros¹ não é capaz de dar conta da complexidade que ultrapassa o simples registro memorialístico advindo da biografia para atingir um nível de auto-observação, “um trabalho de objetivação de si, de auto-análise, de sócio-análise” (BOURDIEU, 1996: 40), por meio do qual o autor efetua a mediação entre a ficção e a realidade, de uma forma que, em vez de confundir-se com suas personagens, pode utilizá-las no processo de aprendizado sobre as estruturas sociais que ele mesmo vivencia no real.

Se, no mundo social, Oswald experimentava concretamente esses limites, é na ficção que pode sentir-se à vontade para ensaiar sua reestruturação e fugir àquelas mesmas determinações que o circundam. Analogamente ao que ocorre com Flaubert, que afirma

¹ Encontrada na forma de aproveitamento de situações efetivamente vivenciadas por Oswald e depois retrabalhadas no registro da ficção, como no caso de criação de personagens como o indivíduo convertido ao comunismo em *A escada vermelha* ou o burguês viajante João Miramar.



que na arte “tudo é liberdade, nesse mundo de ficções. Aí se sacia tudo, faz-se tudo, é-se a um só tempo seu rei e seu povo, ativo e passivo, vítima e sacerdote. Nada de limites...” (*apud* BOURDIEU, 1996: 42), a ficção oswaldiana pode apresentar-se como um laboratório e como uma manifestação de desejo de novas alternativas, repensando continuamente as determinações efetivas e colocando-as em situações-limite como que para experimentar novas configurações.

Como resultado destas considerações, procuramos fazer uma leitura do livro *Serafim Ponte Grande*, de Oswald de Andrade, baseando nossa escolha no fato de que ele surge em momento crítico da vida de Oswald, quando já se encontrava realizando a revisão de seu passado de escritor modernista e aderindo ao Partido Comunista, e também por revelar com clareza uma personagem em uma situação absolutamente “fora de lugar”, prisioneiro indeciso entre dois universos.

Serafim Ponte Grande é considerado pela crítica como fazendo um “par” com o romance *Memórias sentimentais de João Miramar*, que Oswald publicou em 1924, pois os dois livros representam, sob o ponto de vista da prosa vanguardista, a experiência-limite da “desarticulação da forma romanesca tradicional” (CAMPOS, 1985), tendo sua análise sido freqüentemente limitada ao aspecto formalista. Acreditamos ser possível uma abordagem que não desconsidere a citada relação vida-obra presente em Oswald de Andrade e que forneça subsídios para a investigação sociológica.

Oswald escreveu *Serafim Ponte Grande* entre 1928 e 1929, mas só veio a publicá-lo em 1933, quando já havia se filiado ao Partido Comunista e iniciava sua vida com Patrícia Galvão. Na página de ante-rosto do livro há uma listagem do que Oswald chamou de “obras renegadas”, em que constam todos os seus livros anteriores, incluindo o próprio *Serafim*, revelando uma antecipação estratégica de uma postura que não aceita o imobilismo das posições absolutas. Assim, ao longo de todo o romance a mobilidade e o não-enquadramento serão o tema central, conforme a fórmula sintetizada por Antonio Candido segundo a qual Oswald “consegue, na verdade,

Indivíduo e liberdade: uma leitura de *Serafim Ponte Grande*

Rubens de Oliveira Martins



**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***

Rubens de Oliveira Martins

encarnar o mito da liberdade integral pelo movimento incessante, a rejeição de qualquer permanência” (CANDIDO, 1992).

O romance oswaldiano apresenta-se, então, como “romance de formação”, no qual o sentido de uma busca vai necessariamente fazer com que o herói atravesse situações em que descobrirá os limites do mundo das convenções no qual se encontra e com o qual entrará em conflito. O herói, enfim, empreenderá a elaboração de uma via alternativa, lutando contra o risco de um enquadramento forçado, tornado incompatível e impossível ao fim da sua jornada de formação, conforme o prefácio original de 1926: “No mundo atual, Serafim traz duas razões: o bom câmbio e a ignorância audaz. Bisneto do conquistador, avesso do bandeirante, é o filho pródigo que intervém na casa paterna porque viu mundo, travou más relações e sabe coisas esquisitas. Choque. Confusão. Regresso inadaptável” (ANDRADE, 1992: 45).

Em *Serafim Ponte Grande* podemos rastrear a relação entre o mundo das convenções (realidade exterior) e o mundo subjetivo (interioridade) como índice da distância entre a realidade e a ficção que a recria. A vida do funcionário Serafim é narrada por Oswald segundo um esquema cronológico de acordo com o ciclo de vida sociobiológico: infância, adolescência, maturidade e morte. Deste modo, assume-se a ambigüidade de que juntamente com este destino natural, encarado como uma simples passagem do tempo sobre o indivíduo (que pode manter-se na mediocridade, coincidindo aí com outros inumeráveis destinos semelhantes), surge a possibilidade da emergência de uma via marginal capaz de colocar o herói em uma situação de liminaridade², levando a um questionamento sobre o sentido de sua vida e sobre a possibilidade de ruptura com esse destino pré-traçado.

É o próprio Oswald quem define o significado pretendido para o livro em seu prefácio: “O brasileiro à toa na maré alta da última etapa do capitalismo. Fanchono. Oportunista e revoltoso. Conservador e sexual. Casado na polícia. Passando a pequeno-burguês e funcionário climático a dançarino e turista. Como solução, o nudismo transatlântico. No apogeu histórico da fortuna

² O conceito aqui é utilizado conforme a abordagem de Turner (1974), segundo a qual o indivíduo se encontra por vezes sob a tensão entre a liminaridade e a *comunitas*; em última análise, entre a marginalidade e a integração.



burguesa. Da fortuna mal adquirida” (ANDRADE, 1985: 11). Tal franqueza do autor nos remete à questão analisada por Lukács referente ao movimento irônico que o criador da obra executa, significando um reconhecimento por parte da subjetividade que permite ao mesmo tempo sua abolição.

Assim, o sujeito criador tenta impregnar o mundo exterior (que lhe aparece como alheio e estranho) com os conteúdos de sua “nostalgia”, mas ao mesmo tempo percebe o caráter limitado e a distância entre o mundo objetivo e sua subjetividade. Essa ironia resulta então em lucidez e resignação: o escritor faz a mediação entre a idéia e a realidade, preenche seu mundo com os conteúdos estruturados em valores éticos, porém conserva a ironia como fator que possibilita a correção de rumos, como discernimento.

Em *Serafim Ponte Grande*, o leitor acompanha o herói na sua formação burguesa, destacando a hipocrisia dominante neste mundo, acentuando a mediocridade do pensamento utilitário do mundo do capital em suas várias formas, construindo assim o estereótipo do indivíduo na sociedade. Desta forma vemos Serafim ambicionando os símbolos de *status* social característicos de seu meio: “Um dia hei de comprar um Ford a prestações” (p. 29); “Comprei a prestações uma caneta tinteiro. Não funciona muito bem, mas serve” (p. 34); ou então demonstrando a hipocrisia das relações sociais “de fachada”, em que a aparência de uma vida familiar ideal é desmascarada pela má consciência: “Afinal a criada foi uma desilusão. Conspurquei o meu próprio leito conjugal, aproveitando a ausência de Lalá e das crias” (p. 31); ou, ainda, perseguindo as formas de aproximação com um outro nível de relacionamentos, que porém se mostram fracassadas pela defasagem de visões e de interesses entre Serafim e esses outros indivíduos: “Aniversário da senhora do senhor Benvindo, Dona Vespucinha. Graças ao comendador Sales, fui também. Muita gente. Salas abertas e iluminadas. Políticos e senhoras degotadas. Vários discursos. Guaraná a rodo. Dona Vespucinha é um peixão” (p. 35).

O peso das convenções está sempre rondando as ações das personagens como uma fronteira do permitido, além do constran-

**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***

Rubens de Oliveira Martins



**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
Serafim Ponte Grande
Rubens de Oliveira Martins**

gimento imposto para a resolução pacífica dos acontecimentos da vida. Desta forma é que logo no início do livro nos é narrado o casamento de Serafim com Dona Lalá, “só por causa da sociedade”, forçado pela família e pelas autoridades policiais, acompanhando desde este ponto a inutilidade de qualquer resistência esboçada por Serafim, que acaba por resignar-se com seu destino.

Esse mesmo destino burguês é narrado em seguida no capítulo intitulado “Folhinha conjugal ou seja Serafim no Front”, em que, sob a forma de um diário, vão se sucedendo, desordenadamente, os dias da semana, como a revelar a equivalência e a mesmice do cotidiano burguês, e Serafim escreve sobre a matéria que dá forma a seus dias e à sua vida. Aqui toda a superficialidade da vida quotidiana aparece: os pensamentos íntimos de revolta reprimida, a falta de perspectivas e de sentido, os adultérios, as futilidades.

Até então Serafim aparece como o herói que está adaptado ao mundo, embora sinalize algumas vezes que sente um certo incômodo em sua alma, confusa no redemoinho dos acontecimentos sem sentido que vive no dia-a-dia. Daí confessar, a certa altura, o desejo de “dar um fora sensacional”, vislumbrando a possibilidade de uma ruptura que vai se adiando ao longo do romance.

É neste ponto que aparece a possibilidade de inflexão em sua vida, com o surgimento de uma figura feminina, Dorotéia, representante de uma outra realidade possível, para além do mundo da família burguesa e dos sentimentos reprimidos: aqui a imagem da mulher moderna, independente e liberada, “artista aclamada”, indica uma outra forma viável de estar no mundo, como um ideal que se cristaliza aos seus olhos.

Serafim fica então estimulado a fortalecer seus impulsos de ruptura, de libertação de suas apreensões e cobranças sem sentido. Inicia com Dorotéia um relacionamento extraconjugal que o torna cada vez mais impaciente com sua “outra” vida, tornada “antiga” pela comparação com a “nova” vida que vislumbra, não se importando mais com as convenções e limites que a todo momento lhe estão colocados. Passa, assim, a viver em um mundo duplo, encru-



zilhada de duas realidades, declarando: “Que diferente e grandiosa é minha vida secreta!” (p. 38) — vida interior tornada realidade provisória, porém sempre no limiar da dissolução: “Ah! Se eu pudesse ir com Dorotéia para Paris! Vê-la passar aclamada entre charutos e casacas de corte impecável! Mas contra mim ergue-se a muralha chinesa da família e da sociedade” (p. 39).

Ao final desse “*affair*”, a realidade objetiva obtém outra vitória. Dorotéia troca Serafim por um colega da repartição onde ele trabalhava, que foge com sua musa. Cabe frisar que mesmo esse revés sofrido por Serafim não vai ser capaz de fazer com que o herói volte à situação de onde partira. O “terremoto Doroteu” ficará impregnado na alma de Serafim, que afirma: “Por causa de Dorotéia, vejo tudo possível para mim: tribunais, cadeias, manicômios, cadeiras elétricas etc.” (p. 40).

A contradição entre interioridade e objetividade assume novos contornos, pois, embora não tenha havido nenhuma resolução, o caminho de Serafim avança no sentido de uma percepção das possibilidades inscritas na ordem social, que já mostra algumas aberturas sensíveis à ação do indivíduo que resolve testar e descobrir sua medida e seus valores, quando então “o que parecia ser o mais firme quebra-se como argila seca sob os golpes do indivíduo possesso do demônio, e a transparência vazia que deixava entrever paisagens de sonho transforma-se bruscamente numa parede de vidro contra a qual, vítimas de uma vã e incompreensível tortura, nos chocamos como a abelha contra o vidro, sem conseguir furá-lo, sem querer perceber que por aqui não há caminho” (LUKÁCS, s/d: 103).

No quadro das vivências experimentadas por nosso herói surge novo fato a partir de um dado da realidade objetiva: a eclosão de uma revolução (alusão à Revolução de 22 em São Paulo) que tem o efeito de suspender, e até mesmo inverter, por algum tempo, os condicionantes da mediocridade da vida quotidiana. Na ausência da ordem normal, o herói encontra terreno para expandir sua interioridade, fundada numa outra realidade que não a do mundo objetivo, e pode então exercitar sua autonomia. No caos, a alma

**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***

Rubens de Oliveira Martins



**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***

Rubens de Oliveira Martins

tenta encontrar uma outra ordem e integrar-se, mas para isso será preciso descobrir quais os caminhos e possibilidades, caso contrário poderá apenas limitar-se a experiências ainda sem sentido. “Hoje posso cantar alto a Viúva Alegre em minha casa, tirar meleca do nariz, peidar alto! Posso livremente fazer tudo que quero contra a moralidade e a decência. Não tenho mais satisfações a dar nem ao Carlindonga nem à Lalá, diretores dos rendez-vous de consciências, onde puxei a carroça dos meus deveres matrimoniais e políticos, durante vinte e dois anos solares!” (p. 45).

Nesse momento, acentua-se o conflito entre as duas possibilidades de vida, tornando-se insustentável a posição indecisa; daí o acontecimento de uma revolução colaborar com a opção por uma nova realidade a ser construída, embora ao mesmo tempo dê a Serafim a consciência de sua incompletude por meio da metáfora expressa pelo herói, que lamenta: “Tenho um canhão e não sei atirar. Quantas revoluções serão necessárias para a reabilitação balística de todos os brasileiros?” (p. 46).

A mudança no tom das preocupações de Serafim reflete uma modulação que já não se contenta com o enquadramento solitário e atomizado na ordem social, mas que visualiza uma integração totalizadora de uma “comunidade de destino” representada pela alusão a grupos marginalizados (negros, índios, mestiços), numa antecipação da utopia regeneradora da realidade. O herói transgride novamente a ordem do real para poder avançar mais um passo na sua busca, precisa de novas aventuras para seu aprendizado, torna-se então um “novo rico” utilizando dinheiro alheio (que rouba dos revolucionários) e toma o título de barão, partindo para uma verdadeira “volta ao mundo”, da Europa ao Oriente e depois de volta a São Paulo.

A viagem se dá a bordo do navio “Rompe Nuve”, instrumento da busca do herói mas também de sua fuga. Com ele vai um colega que trabalhava na repartição e que agora tem a função de ser seu secretário: José Ramos Góis Pinto Calçudo. Em plena viagem, longe daquele mundo anterior do cotidiano provincial, num outro cenário de aventuras, um “dicionário de bolso” escrito por Pinto



Calçudo devolve à vida todo aquele mundo anterior, listando os nomes das pessoas conhecidas de Serafim para que ele não as esqueça. É curioso acompanhar a narrativa oswaldiana nesse ponto e constatar que, no mundo novo representado pela viagem, Serafim já não está mais solitário como herói. Pinto Calçudo como que mimetiza as características de nosso herói e acaba por tornar-se também herói na trama do romance, até o ponto em que o autor, num profundo movimento de ironia que “quebra” a tensão da leitura, desmascara o jogo da criação literária e sua quase onipotência estética, fazendo com que Serafim “expulse” Pinto Calçudo do romance.

As aventuras de nosso herói prosseguem em terra firme, com todas as promessas possíveis, recuperando aqui a perspectiva de uma realidade que permita manifestar a plena interioridade do herói: “Fornalha e pêssago! Domingo de semi-deusas! Egito dos faraós! Roma de Garibaldi! Dás dobrado o que as outras capitais oferecem! Ao menos, dentro de tuas muralhas, se pode trepar sossegado!” (p. 75).

Mas, ao final, sua característica de busca acaba por revelar-se uma “busca do mesmo”, pois, ainda que espacialmente deslocado de seu mundo original, o que a ele é revelado é uma paisagem de personagens já conhecidas, que apenas têm nomes e faces diferentes, mas guardam em si o traço da futilidade e da ausência de sentido em relação ao mundo: “Pensando bem, Serafim Ponte Grande, apesar dos pisões, não tinha nenhuma razão de andar jocoso e alvissareiro. A felicidade arisca que tinha em caixa, conseguira-a, como o restante dos homens, através de humilhações e pedidos, de roubos e piratarias. E na verdade era feita de conchavos com o inexistente. Só uma coisa tinha sido real em sua vida: o amor de fera de Dona Lalá. E o cabaço, aliás complacente, de Dorotéia! Na noite afundada no mar, deu uma espiada inútil no horizonte sem faróis” (p. 105).

A continuação da sua “peregrinação” vai levá-lo ao Oriente, como que numa tentativa de encontrar na mais distante e antiga civilização algum traço de diferença que permita à alma reconhe-

**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***

Rubens de Oliveira Martins



**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
Serafim Ponte Grande
Rubens de Oliveira Martins**

cer-se outra vez no mundo. Porém, o que encontra é desapontador: “As ruas de Pera apresentaram-se ao nosso herói. Mas qualquer coisa fugia sob a aparência modernizante em que a Turquia falava francês, inglês, italiano sem nenhum mistério” (p. 113). Ou seja, o mundo do destino traçado é o mundo dominante, o mundo no qual toda subjetividade se encontra em conflito.

Serafim repete, deste modo, o caminho que teve no mundo burguês provincial, agora estendido ao mundo inteiro. Não haveria, então, uma possibilidade de encontrar um sentido para as suas ações. O mundo do sentido deu lugar ao mundo da imediata superficialidade, ao mundo “turístico”, onde o que se torna importante é ter à mão “o passaporte, o baedeker, a Kodak e a Bíblia” (p. 115).

A busca do herói assume então característica cíclica, como processo que não termina, pois quando está no mais longínquo e exótico dos mundos, o Oriente, Serafim olha para a noite e vê que “Em cima fazia uma lua paulista” (p. 117), declarando por meio da lembrança que afinal não era necessário ter ido tão longe; o mundo era um só na sua estranheza para o herói. Sendo assim, retorna ao ponto de onde iniciou.

Neste ponto do romance, o “Fim de Serafim” revela que aquele herói que encontramos no início do livro não mais existe; o funcionário burguês e adaptado cede lugar ao Serafim que experimentou a vida em suas diferentes modalidades, conheceu o mundo objetivo e apreendeu em que pontos ele poderia efetivar qualquer tentativa de reconciliação, caso fosse possível. Seu retorno é o retorno do “novo”, do herói que não mais se adapta ao mundo mas que deseja agir sobre ele, quer tornar o mundo um palco que possibilite sua plena expressão e quer encontrar nele os sentidos para seu agir.

O que ocorre é que esse mesmo momento de libertação de Serafim é o momento de sua derradeira derrota: “Descobrem-no, identificam-no, cercam-no. Os bombeiros guindam até escadas o pelotão lavado dos Teatros e Diversões. O povo formiga dando vivas à polícia. Ele cairá nas luvas brancas de seus perseguidores”



(p. 129). Tal qual uma personagem quixotesca, Serafim até então acreditava que havia um sentido no mundo. Aventura-se movido pela vontade de buscar desvendar esse sentido e torna-se um herói obcecado capaz de rodar o mundo para concluir sua tarefa, não sendo, porém, capaz de viver assumindo a efetiva existência da distância entre real e ideal.

Em Serafim, toda atividade era voltada para o exterior, e o herói passa pelo mundo sem realmente conseguir entendê-lo. Dessa forma, todas as suas aventuras aparecem como inadequadas para perturbar a realidade exterior: “Assim, o máximo de sentido adquirido pela experiência vivida torna-se o máximo de não senso: a sublimidade torna-se loucura, monomania” (LUKÁCS, s/d: 113).

Serafim, e a busca por ele representada, parecem estar definitivamente fadados ao fracasso na luta com a realidade efetiva do mundo objetivo, tanto que, como um epílogo, Oswald apresenta a tentativa da família e amigos do finado Serafim em reintroduzir a ordem anterior, como se nada tivesse sido mudado com a busca do herói, usando para isto o expediente da fundação de um manicômio: símbolo da instituição moderna cristalizada e da repressão a qualquer tentativa de enfrentamento do mundo.

Porém, o que parecia ser o final do livro mostra-se como um falso final, pois o próprio escritor acaba por intervir no conteúdo de sua criação e constrói um outro final, o verdadeiro final que nunca estará totalmente acabado: Pinto Calçudo ressurgue no comando do navio “El Durasno”, onde é instituída a “base do homem futuro” e se condena a “falta de imaginação dos povos civilizados” (p. 139). A feição da utopia reconciliatória entre homem e mundo aparece aqui de forma clara, como resultado de um movimento contínuo, de liberdade e autonomia, para além das convenções da “segunda natureza” à qual os homens se encontram ligados: “Passaram a fugir do contágio policiado dos portos, pois que eram a humanidade libertada” (p. 139).

É interessante notar que a última aparição de Serafim no romance revela não mais um herói obcecado em modificar o mundo, mas um herói mais radical, embora já num momento

**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
Serafim Ponte Grande
Rubens de Oliveira Martins**



**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
Serafim Ponte Grande**
Rubens de Oliveira Martins

demasiado tardio: o mundo é interpretado agora a partir de sua consciência, sua alma inadaptada precisa erigir em realidade os conteúdos subjetivos da interioridade, os juízos de valor do sujeito se autonomizam e podem criticar o mundo, renunciando mesmo a qualquer luta fora da interioridade.

A abolição do tempo na metáfora da viagem continua é a abolição da ruína que ele traz em si. Porém, é preciso lembrar que é o próprio tempo que possibilita as experiências épicas da memória e da esperança; dessa forma, como um paradoxo, essas categorias vão surgir como vitórias sobre o tempo. Basta lembrar que é a memória de Serafim que possibilita sua consciência e o seu aprendizado, pela comparação e pela reflexão sobre o passado, não mais visto como coisa morta, mas sim como substrato pleno de significados capazes de alterar o próprio presente. “Pela Memória se aceita a vida, e o sujeito pode conciliar a interioridade com o mundo exterior ao considerar a unidade orgânica de sua vida inteira como a realização progressiva de seu presente vivo a partir de um passado cujo fluxo é condensado pela recordação” (LUKÁCS, s/d: 149).

O caráter utópico surge, enfim, como recusa do escritor em resignar-se, em aceitar a vitória final do real sobre o ideal, com sua ironia dando forma à realidade criada, contrariando o caráter fechado do mundo objetivo, quando então a utopia não é mais apenas uma idéia abstrata, mas narrada concretamente como resultado de um aprendizado problemático e como resolução do conflito.

Porém, essa mesma utopia acaba por ser colocada em Serafim, como índice de futuro, pois a reconciliação com o mundo é, na verdade, uma “nostalgia literária, da noção de uma idade de ouro ou Utopia perdida da narração do épico grego” (JAMESON, 1985), o que significa que essa reconciliação já estaria inserida em um registro que transforma a oposição “mundo” *versus* “homem” na oposição “sociedade” *versus* “homem”. Aqui emerge uma relação mais concreta e inteligível, em que a ação humana é entendida, após a tomada de consciência dada pelo aprendizado do herói, como criadora e transformadora de uma realidade que não lhe é mais tão estranha assim.



Ao mesmo tempo que Serafim Ponte Grande revela esta possibilidade de reconciliação com o mundo, também revela o diagnóstico de uma época marcada pela marginalização crescente do indivíduo autônomo, como atestam as palavras de Oswald em 1938: “O artista, cada vez mais apartado e só, fora adquirindo no entanto um uniforme de pequenos protestos (...). Quando dessas formas teatrais e exteriores passa ao protesto interior, o fenômeno torna-se grave. Quando o industrialismo atinge uma paz vitoriosa, o artista recusa-se a partilhar da pedantia de cátedra e abandona os lares apavorantes, onde se tece, em torno de um ninho de compromissos e tristezas, a mesma vida banal, comendo o mesmo frango, tocando a mesma valsa e esperando sempre a tutela das restaurações reacionárias, embaladora da vida igual e desaventurosa, garantida pela polícia e pelas companhias de seguro” (p. 150).

Enfim, Serafim Ponte Grande é um herói que engendra a possibilidade de outros heróis, mais conscientes e audaciosos. É o precursor da utopia metaforizada no seu incessante movimento de busca, sempre em processo. É a forma do romance que sintoniza uma visão de mundo possível apenas na emergência do mundo burguês moderno com seus conflitos específicos, mas também com a possibilidade de resolução que só nesse novo mundo se pode mostrar por completo e ser, então, compreendida.■

**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***

Rubens de Oliveira Martins

MARTINS, Rubens de Oliveira. Individual and freedom: reading *Serafim Ponte Grande*. **Plural**; Sociologia, USP, S. Paulo, 5: 52-65, 1.sem. 1998.

Abstract: This articles discusses, from the analysis of Oswald de Andrade's novel "Serafim Ponte Grande", the kind of autonomy that the individual faces toward social structure, showing the oscillations between integration and marginality. Within the Lukács' idea of "formation novel", one can make a sociological research in the world of fiction, in which the presence of "limited-situations" can lead onto a learning to the individual, who can either change or choose his destiny. Therefore, utopy becomes a way to face the world, where autonomy and liberty can be, eventually, conciliated.

Uniterms: intelectual - marginality - autonomy - sociology and literature - Oswald de Andrade - utopy.



**Indivíduo e liberdade: uma leitura de
*Serafim Ponte Grande***
Rubens de Oliveira Martins

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. 2^a ed. São Paulo, Global, 1985.
- _____. *Estética e política*. São Paulo, Globo, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil/Difel, 1989.
- _____. *As regras da arte*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- CAMPOS, Haroldo de. *Serafim: um grande não-livro*. In: Andrade, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. 2^a ed. São Paulo, Global, 1985.
- CANDIDO, Antonio. *Brigada ligeira e outros escritos*. São Paulo, Editora da Unesp, 1992.
- JAMESON, Frederic. *Marxismo e forma*. São Paulo, Hucitec, 1985.
- LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. Lisboa, Editorial Presença, s.d.
- TURNER, Victor. *Liminaridade e comunitas*. In: *O processo ritual*. Rio de Janeiro, Vozes, 1974.